

*Cid Morais Silveira*

*Graduado em História – Universidade Estadual  
Vale do Acaraú. Bolsista CNPq – 2011/2014.*

*Francisco Denis Melo*

*Doutor em História – Universidade Federal de  
Pernambuco. Professor Adjunto – Universidade  
Estadual Vale do Acaraú.*

### **Resumo**

---

O presente trabalho tem por propósito analisar os discursos do progresso em Morrinhos, cidade do interior do Ceará localizada as margens do rio Acaraú, entre 1952 a 1964. Para isso, foram utilizados bibliografia específica relacionada com estudos sobre cidade, modernidade e modernização, além de jornais que circularam na época, entendendo o papel da imprensa no contexto social da vida urbana. Para fundamentar nossas ideias, utilizamos de teóricos como Certeau, Pesavento, Giddens, Antônio Paulo Rezende, Le Goff, entre outros. Foram contemplados também nesse artigo os significados dos novos processos de sociabilidade que foram instaurados na cidade, com a chegada da modernidade e seus novos padrões sociais e culturais.

**Palavras-chave:** Morrinhos. Modernidade. Discurso.

---

### **Abstract**

---

This work has the purpose to analyze the progress of the speeches in Morrinhos, city of the state of Ceara on the shores of the river Acaraú, from 1952 to 1964. For this, we used specific literature related to studies of the city, modernity and modernization, as well as newspapers that circulated at the time, understanding the role of the press in the social context of urban life. To support our ideas, we use theoretical as Certeau, Pesavento, Giddens, Antonio Paulo Rezende, Le Goff, among others. Were also included in this article the meanings of new sociability processes which were set up in the city, with the arrival of modernity and its new social and cultural patterns.

**Keywords:** Morrinhos. Modernity. Sociability.

“Mesmo que fuças menos humana nesse imenso progresso que te engana, ainda assim és linda”

Artur Eduardo Benevides

1952. Passaram-se dois anos desde um dos maiores reverses da história do futebol mundial. O Brasil ainda estava enlutado daquilo que ficou conhecido como *Maracanazo*<sup>1</sup>, quando Edgardo Ghiggia deixou um país em silêncio e condenou Barbosa a “assassino da felicidade nacional”. A sombra reinava. Mas, em um lugar nas ribeiras do rio Acaraú, no sertão cearense, onde os meios de comunicação eram restritos e de difícil acesso, a luz parecia despontar por detrás do Serrote do Cafim<sup>2</sup>.

Mesmo que os poderes públicos, impassíveis, não realizem vossos ideais de progresso; Mesmo que a natureza impiedosa não faça brotar de vosso solo, a prosperidade; Lutai indiferentes. Depois, se não fizerdes de Morrinhos uma cidade importante, havereis ao menos, de fazê-la notável pela nobreza de seu povo.<sup>3</sup>

### A construção de um discurso

Qual o objetivo de uma cidade, em plena construção, senão uma cidade?<sup>4</sup> Este questionamento, Ítalo Calvino fez a Tecla, mas poderia ser bem direcionada a Morrinhos. O processo de modernização da cidade, ou a chegada das artimanhas do progresso em terras morrinhenses, se deu através de intensas modificações no cenário da urbe, como a criação de uma avenida principal, praças, mercado público<sup>5</sup> (1949), a chegada de luz elétrica (1953), e um sistema de comunicação sonora de nome Amplificadora Nossa Senhora de Fátima (1951). Além disso, temos a criação de novos espaços de sociabilidade, que em comunhão com as praças, serviam como ponto de encontro da população, principalmente da juventude, evidenciando as práticas de *footing*<sup>6</sup>.

A preocupação aqui não é julgar se o “progresso” e seus “aparelhos modernos” fizeram de Morrinhos uma cidade moderna. O interesse é entender como, a partir da construção de um discurso progressista, as intervenções no espaço urbano modificaram a forma como as pessoas, sobretudo os moradores do “logar”, fariam a “leitura” da cidade e de

<sup>1</sup> Grafia em espanhol. Maracanazo, em português.

<sup>2</sup> Constituição geológica presente em Morrinhos. Um morro, que é tido por muitos, como um símbolo do município.

<sup>3</sup> Jornal Voz de Morrinhos – 02/01/1955.

<sup>4</sup> CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 117. (Contém grifos meus).

<sup>5</sup> Também chamado de “Barracão” pelos antigos moradores.

<sup>6</sup> Caminhada que a juventude fazia com a finalidade de se aproveitar os espaços da cidade e inserir-se no mundo da paquera. Abordarei melhor essa questão adiante.

suas práticas sociais e culturais.

É importante que se deixe claro neste momento que o conceito de cidade aqui empregado dialoga com as ideias de Certeau. Ele nos fala que o espaço é, antes de tudo, um “lugar praticado”. A cidade será entendida como um pátio de manobras, construída e constituída historicamente por diversas vozes e escritas. Nessa “cidade-conceito” é aonde as trajetórias desta pesquisa irão se desenvolver durante seu trâmite.

A “cidade”, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação.<sup>7</sup> Assim funciona a Cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade.<sup>8</sup>

A ideia de progresso que dominava o Brasil entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX, está intimamente ligada ao crescimento econômico não só das cidades, mas também do país, e ao desenvolvimento tecnicista. Essa ideia de progresso e modernidade é aquela que se torna dominante na história do ocidente no século XIX, como mostra Jacques Le Goff. Para esse autor, o oitocentos é o grande fomentador da ideia de progresso e isso está ligado ao desenvolvimento científico e técnico e à expansão do pensamento liberal, em todas as suas vertentes, ao conforto para as elites, ao progresso da alfabetização e da democracia.<sup>9</sup>

Nas palavras de Antonio Paulo Rezende, a associação do moderno com o novo é, portanto, histórica, na perspectiva da sua genealogia e da sua invenção.<sup>10</sup> Henri Lefebvre afirma que Modernismo consiste, pois, em fenômenos de consciência, em imagens e projeções de si, enquanto a Modernidade é um momento de reflexão crítica e de fenômenos sociais diante dos fatos.<sup>11</sup> O conceito de modernização, segundo Le Goff, enquanto corolário da modernidade ocidental é introduzido, com êxito, em alguns dos países denominados de Terceiro Mundo, na segunda metade do século XX. Faro reforça a ideia de modernização como fenômeno de transição à modernidade, evidenciando que a superação do antigo e a emergência do moderno passa, obrigatoriamente, pela modernização.<sup>12</sup>

Concordamos com Antônio Vitorino Farias Filho, quando nos referimos a uma

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. Pág. 173.

<sup>8</sup> Ibidem. Pág. 174.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. Progresso/Reação. IN: **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp. Págs. 235-281.

<sup>10</sup> REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos Modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 21.

<sup>11</sup> LEFEBVRE, Henri. Introdução à Modernidade. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1969. Pág. 275. (Contém grifos do autor)

<sup>12</sup> FARO, R. **A questão nacional**: a modernização. In Estudos Avançados. vol. 17; No 48; São Paulo; Maio. 2003. Pág. 19

produção discursiva progressista para o período em questão. É essa a noção de progresso que queremos inferir. Por outro lado os vários grupos e indivíduos fazem suas próprias leituras sobre esses conceitos fechados. Elas revelam suas aspirações, desejos e contradições. Na verdade, fazem uma releitura da realidade a partir de suas próprias representações que têm a ver com o contexto da época, com a história local, com o grupo social ao qual fazem parte e o lugar social que ocupam.<sup>13</sup>

Objetivo, neste momento inicial, analisar como se deu a construção desse discurso do progresso, e a tentativa, a partir dele, de se construir uma cidade moderna, em contraponto a uma visão do velho, arcaico, como já necessário ser suplantado. Isso só seria possível através da criação, em 10 de agosto de 1952, do Centro Social Morrinhense. Essa entidade foi criada para dotar a cidade de novos signos do progresso e fazer dela uma terra “adiantada”, através de seus “agentes do moderno” que adotaram práticas intensivas de intervenção no ambiente urbano e na fundação de novos espaços de sociabilidade. O selo abaixo é uma prova do esforço de legitimar a entidade, aumentar a importância, além de evidenciar sua intencionalidade com a chamada de “pelo progresso em Morrinhos”.



**Figura 01 – Selo do C.S.M – Jornal Voz de Morrinhos – Dezembro/1960. Arquivo de Cid Morais Silveira.**

O Centro Social Morrinhense é uma entidade que congrega filhos de Morrinhos e não murrinhenses, desde que se esforcem para alcançar o mesmo fim. Tem o elevado objetivo de defender os interesses do povo murrinhense. Fundado em 10 de agosto de 1952, tem à frente a sua primeira Diretoria, esforçada e trabalhadora, já contribuiu muito para o engrandecimento de seu berço pátrio.<sup>14</sup>

Uma plêiade de jovens, embebecidos por sonhos de tornar sua terra um lugar melhor, e esse “lugar melhor” está intimamente ligado ao preço do progresso, decidiram fundar em

<sup>13</sup> FILHO, Antônio Vitorino Farias; SILVEIRA, Edvanir Maia da. **O trem e a cidade:** O discurso do progresso em Ipu (1890-1930). Revista Homem, Espaço e Tempo. Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA. Ano II, número 1, março de 2008. Pág. 41. Contém grifos meus.

<sup>14</sup> Jornal Voz de Morrinhos – 06/01/1953.

Fortaleza, em 1952, na rua Padre Mororó, 916, uma entidade civil sem fins lucrativos, que deveria se incluir no elenco de utilidade pública. José Ataíde, como diretor; Raimundo Nonato da Rocha, mais conhecido como Mundico Rocha, foi presidente e José Adrião como primeiro-secretário. A partir destas pessoas, o C.S.M começaria a crescer, e se tornaria um importante “aparelho” de luta e reivindicações políticas.



Figura 02 – Sessão do Centro Social Morrinhense, em 1955. Arquivo de Cid Morais Silveira

As atividades do C.S.M eram voltadas, além de questões práticas de intervenção com o poder público, a reuniões e mesas-redondas na sede da entidade na capital cearense. A imagem acima é de uma dessas reuniões, ocorrida em 1955, na cidade de Fortaleza. É importante entender o papel importantíssimo que teve Fortaleza no processo de modernização de Morrinhos, pois, tendo o C.S.M sido fundado na capital e seus integrantes residentes ali, é notório que a influência, e a imagem de “cidade moderna”, tenha sido Fortaleza a ceder. A capital cearense, durante a década de 1950, experimentou um surto de desenvolvimento acelerado, um reflexo das décadas anteriores, onde predominava a aura da *Belle Époque*<sup>15</sup>, inspirada na Paris de Haussmann. Um exemplo desse imaginário modernizador em terras fortalezenses, essencialmente capitalista, e suas aventuras, é a chegada de forma definitiva da Coca-Cola, em 1950.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> O historiador Sebastião Rogério Ponte analisou o processo de remodelação urbana e disciplinarização social em Fortaleza entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. O autor analisar e defende como essa ordenação urbana constituiu-se, na cidade, por meios de projetos e imposição de novos valores. Cf. PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)**. Edições Demócrito Rocha. 5. Edição. Fortaleza. 2014.

<sup>16</sup> A bebida passou a ser consumida em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial, por soldados norte-americanos, mas só chegou definitivamente na década de 1950.



**Figura 03 – Foto de 1950 da fábrica da Coca-Cola em Fortaleza, na Avenida Mosenhor Tabosa. Arquivo Nirez**

Nos encontros do C.S.M eram pautadas questões sobre como melhorar as condições urbanas e sociais de Morrinhos. Para isso, a entidade precisava de um veículo para publicar suas ideias e fazer ouvir sua “voz”. Diante do contexto, foi criado um jornal, intitulado *Voz de Morrinhos*.

Com o intuito de sublimar as nobres aspirações de um povo idealista, apresento-me ao público: “Voz de Morrinhos”. Como órgão dos grandes momentos, apresento-me nesta data perenizando grandiosa eclosão para os grandes passos na senda do progresso. Pleno deste ideal irradio a todos o vigor que animou seus filhos a se devotarem totalmente a execução desse plano maravilhoso. Em todas as minhas páginas, vigora uma só luz: Morrinhos progrediu, progride e continuará progredindo.<sup>17</sup>

O jornal convoca o leitor para “conversar”, pois se apresenta em primeira pessoa no trecho acima. Percebemos que há uma intencionalidade em estabelecer uma proximidade com aquele que o consome, adjetivando-se de “órgão dos grandes momentos”. Do ponto de vista historiográfico, os periódicos foram mais utilizados como fontes quando os historiadores decidiram estudar a modernidade, o modernismo e a modernização, temas discutidos com recorrência nos periódicos, que eram eles mesmos, assim como a profissão de jornalista, elementos do moderno. Os periódicos atraíam os escritores porque lá eles poderiam publicar suas ideias e tornarem-se conhecidos, já que o mercado de livros, em geral, era muito fechado e pouco desenvolvido.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Jornal *Voz de Morrinhos* – 06/01/1953.

<sup>18</sup> LUCA, Tânia Regina de. **Fontes impressas:** História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, C. B

Entendemos que, no primeiro momento, a leitura foi restrita, levando-se em consideração que não era notável o número de pessoas que sabiam ler e escrever em Morrinhos naquele período, nem quem tivesse dinheiro para comprar os exemplares. O jornal, além de propagar os ideais do Centro, seria usado de forma estratégica para consolidar suas operações, como prova de que o C.S.M era bem estruturado e suas intenções eram fundamentadas diante da configuração social da época. Assim, a novel entidade tem a alta finalidade de: Proporcionar as melhores ocasiões de progresso àquela vila, a fim de se tornar símbolo da modernidade.<sup>19</sup> Abaixo, o destaque do primeiro exemplar, de 1953.<sup>20</sup> É interessante perceber novamente a chamada, “aparece nos grandes momentos”. Isso revela e evidencia a tentativa do periódico de se estabelecer como porta-voz da cidade e de seus acontecimentos mais importantes.



Figura 04 – Título do primeiro exemplar do Jornal, de 1953. Arquivo de Cid Morais Silveira.

O que seria então essa tal modernidade? Entendo que o sentimento de modernidade começa quando o homem passa a ver que o futuro pode ser um tempo de invenção, cheio de aspiração e desejo, ou como um “horizonte de expectativas”<sup>21</sup>. O presente, sob a forma das (re)invenções do cotidiano, passou a ser percebido como o lugar de produção de futuro, que dialoga com as estreitas relações de experiência fragmentada de mundo. Enfim, é a partir da conscientização das concepções temporais que se constitui o tempo histórico.

(Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. Pág. 199.

<sup>19</sup>SILVEIRA, João Leonardo; SILVEIRA, Maria Luzia Rocha. **Morrinhos: Sua História e Sua Gente**. Realce Editora e Indústria Gráfica Ltda. Fortaleza, Ceará, 2009. Pág. 408

<sup>20</sup>Os jornais que consegui foram através de João Leonardo Silveira, que foi importante membro do Centro Social Morrinhense e hoje é um dos memorialistas mais importantes da cidade. Os jornais se encontravam em bom estado, apesar das técnicas de conservação não serem as mais indicadas.

<sup>21</sup>Koselleck busca investigar “as condições das histórias possíveis” a partir das possibilidades de ação futura (horizontes de expectativas) e dos diagnósticos do passado (espaço de experiência) gerados pelo uso de conceitos, como método, para tematizar o tempo histórico ou aquilo que se chamou de nascimento da modernidade, como algo novo, diferente dos tempos anteriores. Este parece ser o ponto central da proposta historiográfica do autor. A partir deste momento, Koselleck propõe a tematização do tempo histórico através das categorias “espaço de experiências” e “horizonte de expectativas”; categorias fundamentais referentes às dimensões de espaço e de tempo. Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto - Ed. PUC-Rio, 2006.

Para Anthony Giddens “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes”<sup>22</sup>. Assim, essa modernidade ao chegar a Morrinhos inaugura uma nova identidade urbana, como nos hábitos e novos significados, que haviam rompido com o modelo mais antigo, adjetivado de velho, tradicional. Praças, ruas alargadas, avenidas, passeios pelas trajetórias do urbano. A moda agora era inovar. A palavra “novo” ou “nova” era predominante nos discursos. A busca incessante pelo conforto e o luxo fizeram parte das aventuras da modernidade e seus (des)encantos.

O que era antes um luxo tornou-se o padrão do conforto desejado, pelo menos nos países ricos: a geladeira, a lavadora de roupas automática, o telefone. [...] Em suma, era agora possível o cidadão médio desses países viver como só os muito ricos tinham vivido no tempo de seus pais – a não ser, claro, pela mecanização que substituíra os criados pessoais. [...] [Esse terremoto tecnológico] transformou absolutamente a vida cotidiana no mundo rico e mesmo, em menor medida, no mundo pobre.<sup>23</sup>

A modernidade, na “nova moda parisiense”, na nova forma de um sistema de governo baseado na república, na constituição de um modelo de estado moderno e mais “adiantado”. O ciclone da modernidade a tudo e a todos arrastava para o seu núcleo “civilizador” que parecia inescapável: o Estado, o governo, a Igreja, a família, as instituições, as tradições, os hábitos e costumes, os espaços públicos e privados, as formas de se pensar e sentir etc., nada escapava da avalanche modernizadora do novo século.<sup>24</sup>

Os tempos modernos se expandiram com as cidades, nelas arquitetaram seus grandes projetos, acreditaram que poderiam ser livres como nunca, conviveram com as invenções modernas e seus deslumbramentos.<sup>25</sup>

Devemos entender a cidade como um ambiente dotado de diferentes significados, local de construção e constituição de identidades e identificações. O cotidiano, dentro dessa perspectiva, é o significado de um sentido plural, e formado por “múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem

---

<sup>22</sup> GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991. Pág. 14.

<sup>23</sup> HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. Pág. 259-260.

<sup>24</sup> ARAÚJO, Raimundo Alves de. **O imaginário popular e a modernidade nos sertões de Ipu (1890-1910)**. Revista Historiar, ano II, n. I. 2010. Pag. 110. (Contém grifos do autor)

<sup>25</sup> REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 21.

urbana”<sup>26</sup>.

A cidade é, também, um registro e uma escrita. O seu texto é o relato sensível das formas de se ver a cidade, não como mera descrição física, mas, como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora. Alegorias, metáforas visuais, explícitas e ou implícitas, expressas nas imagens urbanas e decodificadas apenas por aqueles que dominam o seu código e, também por práticas metafóricas, públicas e privadas, realizadas no território urbano.<sup>27</sup>

A cultura da modernidade predominante nos primeiros anos do século XX é eminentemente urbana, e a cidade se constitui de forma hegemônica, ou seja, ela própria torna-se tema e sujeito das práticas culturais, artísticas e políticas. Modernidade e progresso fundiram-se num único propósito, tendo a cidade como principal palco. A cidade é o lugar da construção da modernidade e a forma mais nítida de realização da vida moderna. A construção de um modelo de Morrinhos como cidade progressista – tardia, diante do contexto nacional e até mesmo estadual - foi capaz de conceber ações reais de intervenção no espaço da urbe, mudar a forma e comportamentos daqueles que faziam a “leitura” da cidade.

De fato, como já foi mencionado anteriormente, essa possibilidade da difusão e, conseqüentemente, da ação das práticas para dotar a cidade com os modelos do progresso só foi possível com a criação do Centro Social Morrinhense. Todavia, de nada adiantaria todo o aparato ideológico se a entidade não conseguisse se filiar juntamente ao poder público local para a efetivação de suas ideias. Para isso existia membros do Centro e representantes de Morrinhos na Câmara Municipal de Santana do Acaraú. Seria necessário emancipar Morrinhos, para garantir hegemonia política e controle das ações sociais, e como principal expoente na luta para garantir o progresso do então distrito de Santana do Acaraú, coube ao Centro chamar a responsabilidade para si e condecorar seu significado organizacional de lutas.

Porém, um entrave permanecia. A distância entre Morrinhos e Fortaleza, onde se situava a sede da entidade, dificultava a comunicação e, conseqüentemente, uma ação ordenada e sistematizada por parte dos integrantes. A solução, de imediato, foi criar um grupo de apoio em Morrinhos, que fosse vinculado ao Centro em Fortaleza. Era então criada a “Elite Morrinhense”.

---

<sup>26</sup> MAGNANI, J. G. C. **De perto e de Dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

<sup>27</sup> PESAVENTO, S. J. **O Imaginário da Cidade**: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

Desde a fundação do Centro, planejou-se ser indispensável a criação de uma “Elite” representativa do Centro em Morrinhos. Surgirá, pois, com o nome de “Elite Morrinhense”. Em qualquer movimento de interesse do Centro que nascer dentro de Morrinhos, terá a Elite o dever de resolve-lo como melhor puder. Os membros desta filial deverão ser sempre aqueles que representam a cidade.<sup>28</sup>

A nota do jornal acima evidencia que os membros da Elite Morrinhense eram aqueles que representavam a cidade. Mas quem a representava afinal? E o mais importante, o que essa Elite<sup>29</sup> representava? Embora o discurso oficial presente nos jornais seja enfático em afirmar que não se privilegiava classe social ou distinção, no confronto das fontes e na prática a coisa era diferente. Os mais abastados ou detentores de títulos políticos e/ou financeiros eram os predominantes naquela organização, pelo menos no corpo diretivo. A Elite era composta pelos elementos da mais alta sociedade daquela localidade.<sup>30</sup>

A escolha do próprio nome denunciava os interesses e as ações daquela entidade, que mantinha íntima correspondência com o Centro em Fortaleza. Os diálogos eram muitos. Não se pode negar que a criação desse grupo em Morrinhos facilitou e agilizou a tramitação dos processos e ordenou as decisões dos dois grupos. Embora a Elite seja subordinada ao próprio Centro, juntamente com seus estatutos<sup>31</sup>, ela mantinha autonomia nas resoluções dos problemas dentro de Morrinhos. A foto abaixo trata de uma das reuniões da Elite, em Morrinhos, em 1961. Na ocasião se fazia a eleição de nova diretoria, comandada por João Lourival Rocha, em pé na imagem abaixo.

---

<sup>28</sup> Jornal Voz de Morrinhos. 06/01/1953.

<sup>29</sup> Utilizo com a grafia em letra maiúscula para diferenciar do conceito mais amplo e conhecido sobre elites. A expressão elite tanto pode ter uma conotação neutra, enquanto indivíduos ou grupos que ocupam as mais altas posições numa hierarquia social estratificada, como um sentido pejorativo, quando, com ela, quer significar-se um pequeno grupo de pessoas com um desproporcionado poder de influência sobre as decisões finais de um determinado grupo. Pode até ter um sentido positivo, quando com a expressão se entende um grupo de pessoas que possui melhores condições para o exercício de determinadas funções, nomeadamente pela educação recebida ou pelas capacidades demonstradas. Elite pode ser uma referência genérica a grupos posicionados em locais hierárquicos de diferentes instituições públicas, partidos ou organizações de classe, ou seja, pode ser entendido simplesmente como aqueles que têm capacidade de tomar decisões políticas ou econômicas.

<sup>30</sup> Jornal Voz de Morrinhos. 24/12/1961.

<sup>31</sup> Procurei nas fontes que consegui os estatutos do Centro e da Elite. Infelizmente não consegui encontrar nada com relação a eles. Minha hipótese é que essa documentação esteja em Fortaleza.



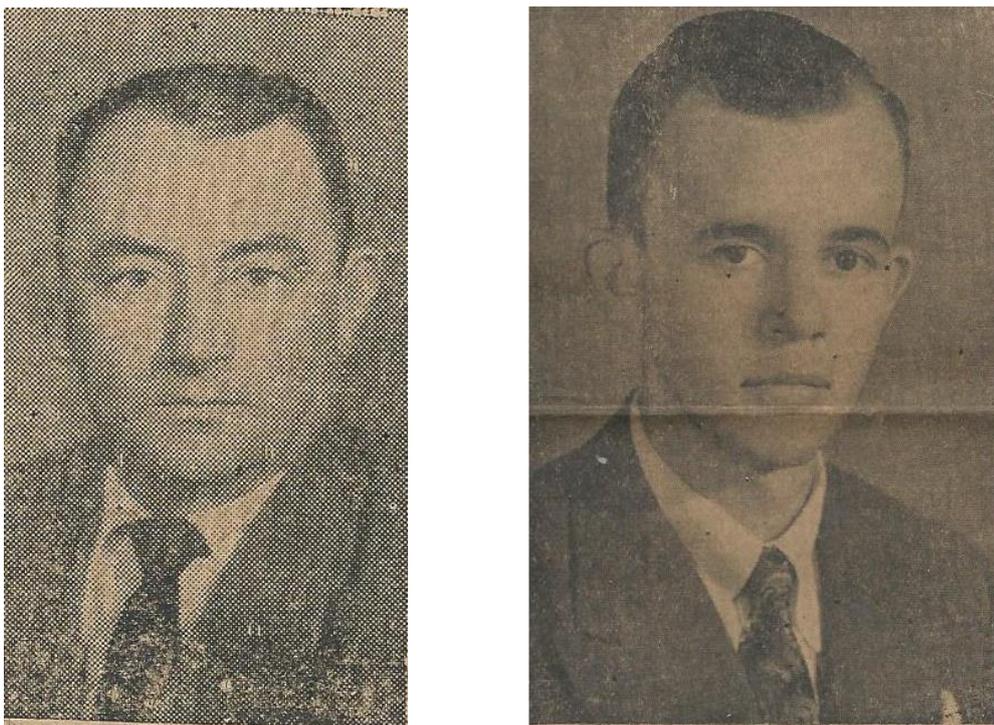
**Figura 05 – Flagrante de uma das reuniões da Elite Morrinhense, em 1961. Arquivo de Cid Morais Silveira.**

Dessa forma, a entidade passou a estabelecer diálogos, através do considerado chefe político da época em Morrinhos, Francisco Abdoral Rocha, com os deputados Francisco Monte e Parsifal Barroso, visando organizar a documentação necessária para o trâmite do processo de emancipação.

A primeira notícia veio no dia 13 de maio de 1957, quando o colegiado aprovou o desmembramento do então distrito de Santana do Acaraú, Morrinhos. Foi como a autorização de voo rumo à independência política.<sup>32</sup> Abdoral Rocha foi figura predominante na luta pela emancipação. Para o *Jornal Voz de Morrinhos* contribuiu com algumas entrevistas e outros escritos. Exerceu cargos públicos importantes como chefe do Horto Florestal, delegado civil, agente dos correios e dos telégrafos em Morrinhos, onde ainda fundou um posto telefônico de comunicações. Foi através da figura de Abdoral Rocha que nasceu as expressões “cuia” e “pinico”<sup>33</sup>

<sup>32</sup> SILVEIRA, João Leonardo; SILVEIRA, Maria Luzia Rocha. Op. Cit. Pág. 60.

<sup>33</sup> Duas expressões utilizadas até hoje para adjetivar os partidos políticos locais. Abdoral proferiu uma frase que ficou marcada e é dita ainda hoje: “Os eleitores de Morrinhos são meus cordeiros. Quando chegar o tempo, eu boto milho na cuia, balanço e todos virão até mim”. Hoje, o partido PSB, que substituiu PSDB, se apropriou do termo “cuia” para si. O PT ficou com o “pinico”. Em 2008, após a vitória do PT, depois de quase 30 anos de governo nas mãos da “cuia”, várias artefatos desse tipo eram arrastados pelo centro da cidade, puxados por carros, motos ou carroças.



**Figura 06 – Francisco Abdoral Rocha, chefe político antes da emancipação, à esquerda. Mundico Rocha, à direita, foi o primeiro prefeito municipal. Arquivo de Cid Morais Silveira**

O projeto de lei 3.798/57 da emancipação foi assinado no dia 6 de setembro do mesmo ano, sendo publicado no Diário Oficial no dia 14 do mesmo mês. Todos aqueles trabalhos, viagens, encontros, palestras, reuniões e conversas sobre esses assuntos, foram condensadas numa única, mas importante frase, “Morrinhos Município”.<sup>34</sup>

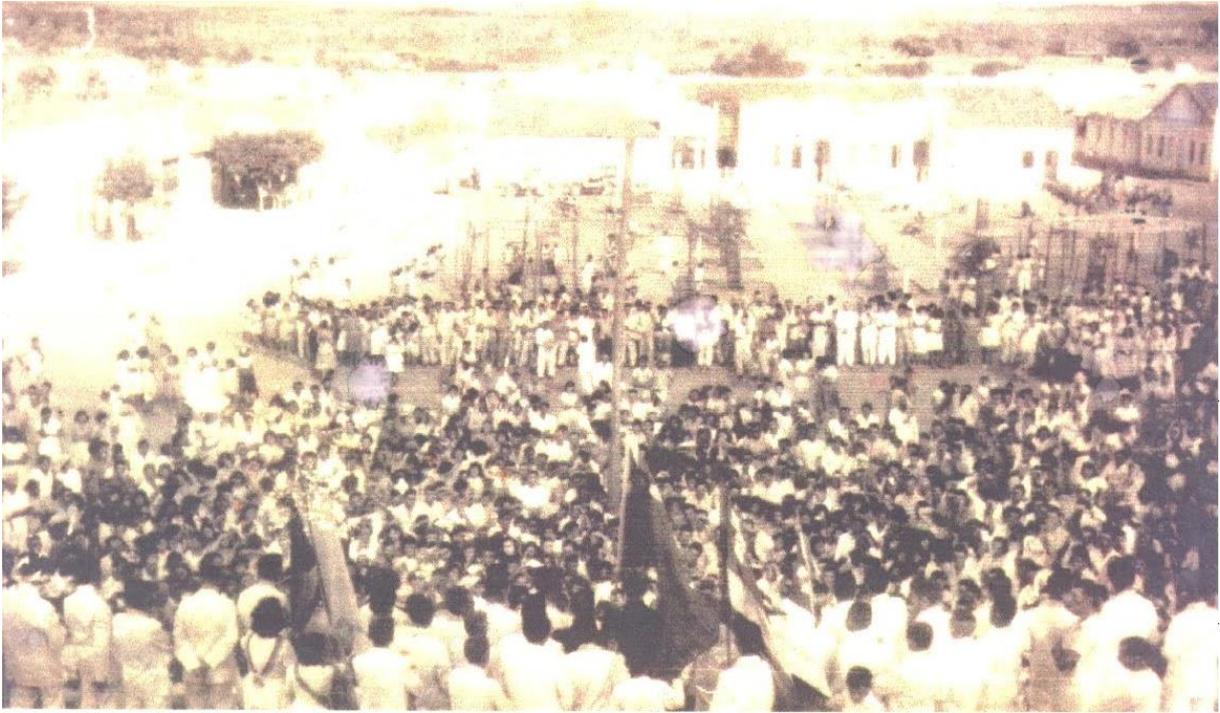
De fato, a emancipação foi o ápice da construção do discurso do progresso em Morrinhos. As idealizações eram muitas. Agora o sentimento era de liberdade e autonomia. Não tão somente pela questão política, mas também pelo viés religioso. Foi a partir do desmembramento político que a comunidade, em sua grande maioria católica, pôde vislumbrar a ideia de transformar a capela em matriz. No dia 23 de janeiro de 1958, Dom José Tupinambá da Frota dava a ereção canônica da Paróquia de Morrinhos, que posteriormente foi publicada em nota oficial no jornal oficial da Diocese, *Correio da Semana*.<sup>35</sup>

A data de hoje, prezado leitor, vai marcar um acontecimento de profunda repercussão nos corações dos morrinhenses, que vivem neste dia, horas de raro empolgação e de uma significação única para sua história. De fato, que mais poderíamos ambicionar? Libertando-se, Morrinhos, sem dúvida, enveredará pelo caminho fácil do progresso. Avante Morrinhos! Tu recebes neste dia impulsos importantes. Haverás de ser na História do Ceará uma expressão de vitória e de

<sup>34</sup> Ibidem. Pág. 61.

<sup>35</sup> A publicação no referido jornal ocorreu em 5 de fevereiro de 1958.

beleza.



**Figura 07 – Comemoração da emancipação de Morrinhos, em 1957, no chamado “quadro da rua”, nas mediações da Praça da Matriz. Arquivo de Cid Morais Silveira.**

Os movimentos de uma cidade são muitos e intensos. Os deslumbramentos promovem os encantos cotidianos. A cidade, por si só, é o espetáculo do moderno. O progresso traz o ânimo e projeta as euforias. Não há quem escape de suas aventuras. A modernidade trouxe com ela uma mudança radical na vida da cidade e dos cidadãos. Novos espaços foram criados, produzindo novas teias de sociabilidades. Praças, como a da Matriz, e a Avenida Municipal<sup>36</sup>, eram os espaços privilegiados. José Adrião Sousa, na época membro da Academia Centrista de Letras<sup>37</sup>, escreve ao *Jornal Voz de Morrinhos*, em 1954:

Hoje Morrinhos ocupa lugar de destaque entre os lugares que o rodeiam. Possui energia elétrica, boas estradas, mercado público bem aparelhado e vários outros melhoramentos, entre eles uma avenida ainda em construção. A vida social já se acha bem adiantada e o comércio bem movimentado e ativo. O progresso é resultado da dedicação e do esforço de seus filhos, nestes últimos anos.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Tentei buscar nas fontes que possuo o nome oficial dessa avenida, mas em nenhuma delas é especificado. É apenas citada como “Avenida” ou “Avenida Municipal”.

<sup>37</sup> Entidade pertencente ao Centro Estudantal Cearense. Foi fundada em 10 de janeiro de 1943.

<sup>38</sup> *Jornal Voz de Morrinhos*. 06/01/1954.

### **A cidade e seus deslumbramentos modernos**

A cidade muda, e com ela mudam-se os olhares e as leituras. A instalação da iluminação por eletricidade, em 1953, é mais um episódio do processo de modernização de Morrinhos. Verificar os relatos dos jornais, no período próximo à inauguração deste serviço ajuda-nos a perceber as manifestações da opinião pública. Os relatos evidenciam o êxito das elites. A população incorporara o ideal de progresso. Prova disso é a intensa manifestação de euforia. A chegada da luz elétrica em Morrinhos promove uma “vida noturna” que antes era praticamente inexistente.<sup>39</sup>

Inaugura-se hoje, nesta progressiva vila, o serviço de luz. Não há dúvida que é um acontecimento notável para a vida de Morrinhos. A luz brilhou em nossa terra anunciando uma nova era de progresso e de alegria para vós. Sabe-se que Morrinhos progride. A notícia corre mundo a fora. É vivo o interesse de seus filhos. É louvável a tenacidade dos que trabalham para dotá-lo do quanto precisam para viver e crescer. E em Morrinhos há vida. E Morrinhos cresce...<sup>40</sup>

A luz alimentou o imaginário dos morrinhenses e ditava o ritmo das horas noturnas. Havia aqueles que não esqueceram da Lua, e continuaram a entornar as melodias dissonantes nos balcões das casas de suas namoradas depois das dez da noite. Era preciso manter acesa a magia naqueles tempos efêmeros. Os conservadores gostavam do sereno e partiam em turmas com seus violões e suas ousadias. Alguns preferiam sentar em uma das cadeiras do Astoria Bar e, entre um trago e outro, ir levando a vida entre travessias e travessuras.

O Astoria Bar era mais um “produto” da modernidade. Lá se encontrava a tão famosa Amplificadora, que fora o embrião de muitas rádios em muitos lugares. Era um dos locais mais movimentados e considerado um ponto de encontro na cidade, onde se podia beber, conversar e brigar. A presença da Amplificadora trazia as pessoas até lá. Era a novidade conseguida pela moeda do progresso. Ao lado do Astória Bar ficava o Salão Brilhante, que era o reduto das pessoas mais abastadas do lugar. Naquele ambiente eram promovidos bailes e reuniões importantes, entre elas, da Elite Morrinhense. Como se dizia na época, eram festas da “alta sociedade do lugar”. O Sr. Mário Ursulino<sup>41</sup>, em 1953, no Salão Brilhante, três vezes por semana, passava uma fita de cinema para o povo da vila.<sup>42</sup> Infelizmente, por limitações das fontes, não pude encontrar muitas referências sobre o local.

<sup>39</sup> O serviço de iluminação pública ficava disponível das 18 horas às 22 horas.

<sup>40</sup> Jornal Voz de Morrinhos. 06/01/1953.

<sup>41</sup> Não encontrei nada sobre Mário Ursulino nas fontes para que pudéssemos aqui traçar seu perfil.

<sup>42</sup> SILVEIRA, João Leonardo; SILVEIRA, Maria Luzia Rocha. Op. Cit. Pág. 184.

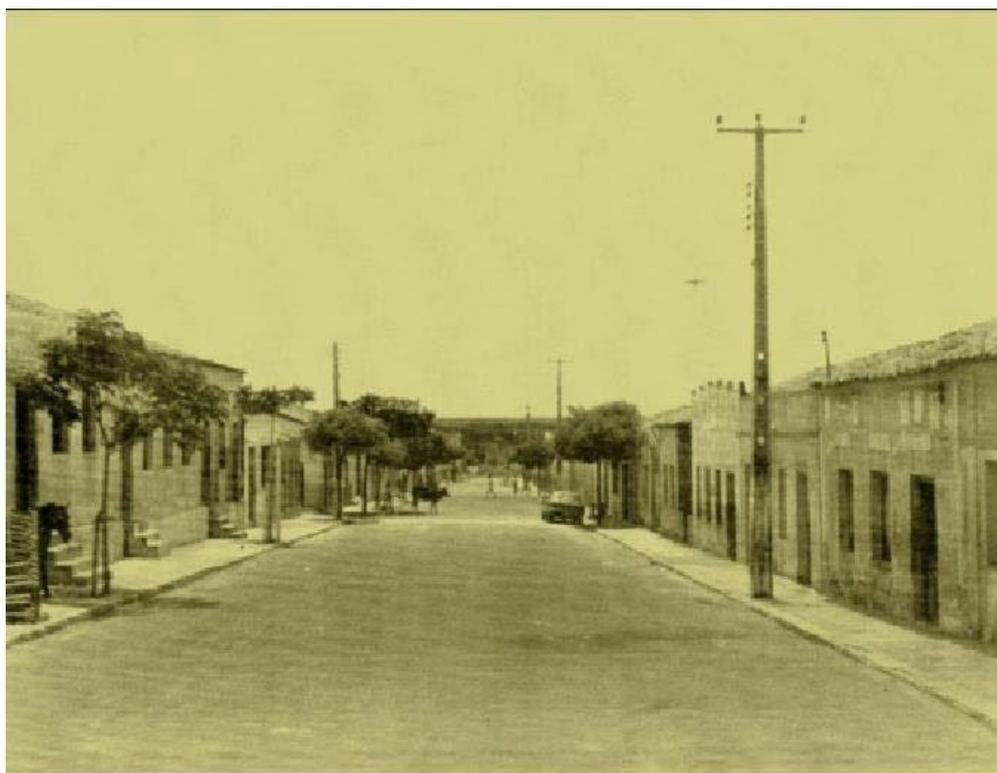
Gosto de dizer que o Astória Bar, foi, naquela época, um ponto de referência para Morrinhos. Ali se encontravam todos com todos, para conversar, para jogar, para contratar, ou para negociar. E ali, por ser este ponto de importância para o lugar, havia muita coisa de proveitoso, de engraçado e de trágico também. (...) No dia da inauguração do Astória Bar, houve uma grande festa dançante em seus salões e, no mais animado da festa, dois ciganos se desentenderam e foram às vias de fato, e até dispararam alguns tiros de revólver.<sup>43</sup>



Figura 08 – Anúncio publicitário do Astória Bar. Jornal Voz de Morrinhos, 1953.

Enquanto Morrinhos progredia, o comércio não era uma exceção. O diálogo entre ambos era íntimo. Desde a inauguração do primeiro mercado público, em 1949, este impulsionou a aberturas em ritmo acelerado das chamadas “bodegas”, onde se podia facilmente tomar uns goles do conhaque São João da Barra ou do vinho Imperial. O trânsito de mercadorias e pessoas se fazia pela rua do comércio que tinha ligação com a principal avenida da cidade. Em conversas informais, percebíamos que o mercado também era ponto de prostituição.

<sup>43</sup> Ibidem. Pág. 273-275.



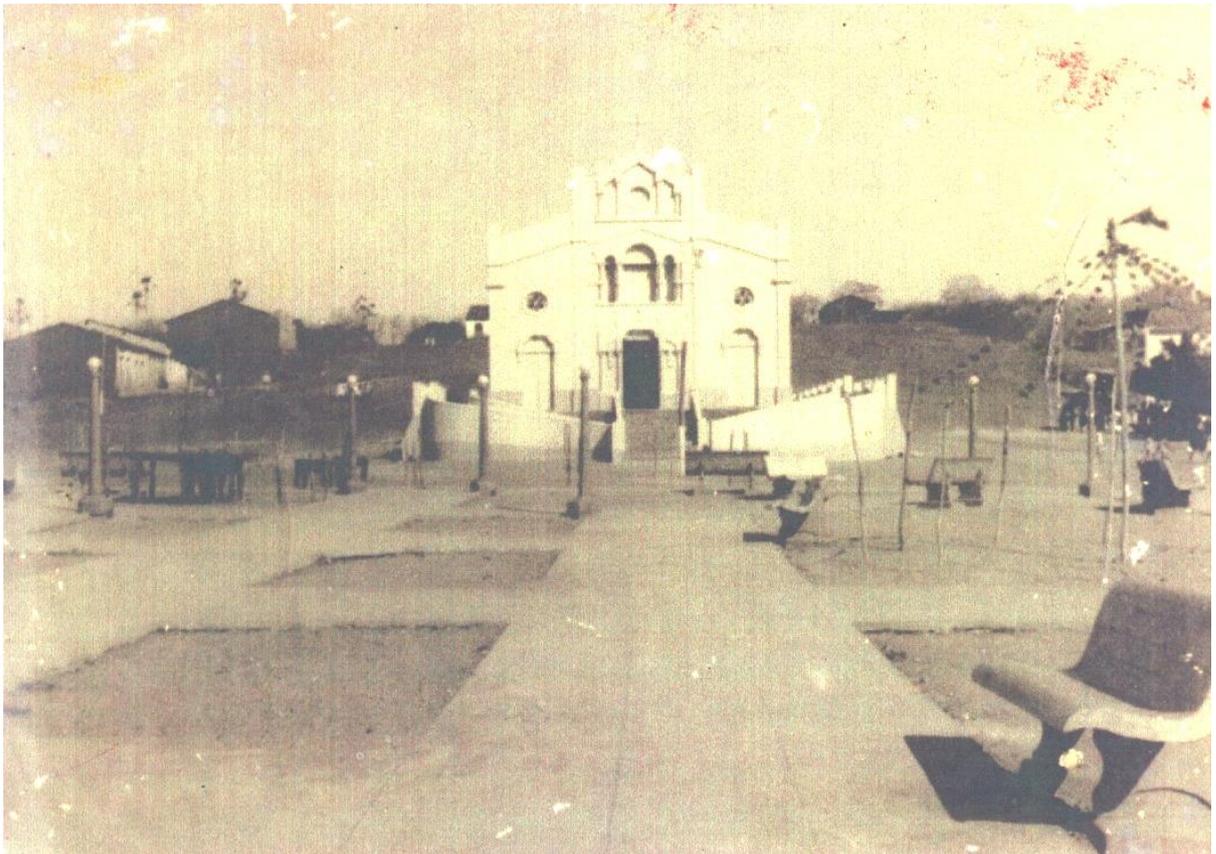
**Figura 09 – Rua do Comércio. Não há exatidão na data. Possivelmente década de 1950. Arquivo de Cid Morais Silveira.**

A rua e o espaço público desempenhavam um papel importantíssimo na vida moderna e nos processos de sociabilidade. As praças<sup>44</sup> e avenidas<sup>45</sup> alargadas embelezavam e serviam como propagandas de uma “cidade adiantada”. As imagens reforçam o imaginário urbano. Esses espaços eram preferidos para a prática da paquera e do flerte. O *footing* fazia parte do moderno, convivia com os espaços e estimulava as relações afetivas. Acontecia nas novas ruas, nas praças, nas ruas do comércio chic de modas, nas sorveterias, nos cafés e nos jardins.<sup>46</sup> Sem dúvida o *footing* só poderia acontecer porque as cidades tornaram-se mais modernas no sentido de reunirem mais opções de lazer, transporte e comunicação. Além disso, as mulheres puderam ganhar as ruas, sair de casa, realizar tarefas que antes eram dos homens. Era o sabor da liberdade. Em Morrinhos, o *footing* acontecia principalmente no “quadro da rua”, que compreendia a praça da matriz. Após a construção e inauguração da Avenida, em meados da década de 1950, a prática foi estendida até lá. O moderno concebia novos lugares e atijava os atrevimentos.

<sup>44</sup> Na época em estudo, existia somente duas praças, em que as fontes dão conta. Praça da Matriz, mais importante e onde ficava a capela, e a Praça do Cruzeiro.

<sup>45</sup> Reitero que não encontrei os nomes oficiais das avenidas, principalmente a primeira delas. Era apenas conhecida por “Avenida” ou “Avenida Municipal”.

<sup>46</sup> AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro a antiga**: aproximações socioculturais. Ática. São Paulo. 1986. Pág. 15.



**Figura 10 – Praça da Matriz, em 1954. O mais importante centro de lazer da cidade e espaço privilegiado para a prática do footing.**

### **Considerações finais**

A cidade se constitui hoje, dentro da historiografia, como um campo de discussão bastante amplo, e é a partir desse campo que podemos problematizar, através de múltiplos aspectos diretamente ligados ao espaço urbano, os vários discursos que compõem a cidade. O progresso, com suas artimanhas, dialoga com as vivências cotidianas nas praças, becos e avenidas da cidade, produzindo as imagens do moderno e promovendo as sociabilidades.

(...) as imagens plenas e as representações racionais se esgarçam e deixam entrever territórios, que podem ser espaços, meios geográficos, mas podem também levantar o véu racional que encobre as fugidas subjetividades. Podem ser espaços onde as múltiplas redes de sociabilidade se repetem, diferenciam-se, modificam-se em filamentos imponderáveis.<sup>47</sup>

A cidade é um espaço múltiplo de interpretações no momento em que é apropriada por seus moradores de diferentes maneiras. São os usos e abusos da cidade, com seus deslumbramentos. As formas de habitá-la estão diretamente associadas à percepção que cada ator social tem desse espaço e de tudo aquilo que o agrega, alimentando o imaginário urbano.

---

<sup>47</sup> BRESCIANI, Maria Estella Martins. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debate, nº 34, NERU, 1991. Pág. 13

A concepção sobre a chegada do progresso em Morrinhos se constituiu de várias formas e múltiplas ideias e idealizações a respeito dos símbolos da modernidade. Dentro desse universo plural que se torna o moderno, a modernização e a modernidade, é preciso buscar as singularidades de cada local. Cada cidade traça sua própria modernidade. Pensar desta forma foi importante para traçar as linhas dessa história.

## **FONTES**

### **Periódicos**

Jornal Voz de Morrinhos. 06/01/1953.

Jornal Voz de Morrinhos. 06/01/1954.

Jornal Voz de Morrinhos. 02/01/1955.

Jornal Voz de Morrinhos. 24/12/1961.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARAÚJO, Raimundo Alves de. **O imaginário popular e a modernidade nos sertões de Ipu (1890-1910)**. Revista Historiar, ano II, n. I. 2010.
- AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro a antiga**: aproximações socioculturais. Ática. São Paulo. 1986.
- BRESCIANI, Maria Estella Martins. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debate, nº 34, NERU, 1991.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FARO, R. **A questão nacional: a modernização**. In Estudos Avançados. vol. 17; No 48; São Paulo; Maio. 2003.
- FILHO, Antônio Vitorino Farias; SILVEIRA, Edvanir Maia da. **O trem e a cidade**: O discurso do progresso em Ipu (1890-1930). Revista Homem, Espaço e Tempo. Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA. Ano II, número 1, março de 2008.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto - Ed. PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. Progresso/Reação. IN: **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.
- LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1969.
- LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, C. B (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAGNANI, J. G. C. **De perto e de Dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.
- PESAVENTO, S. J. **O Imaginário da Cidade**: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reforma urbana e controle social (1860-1930). Edições Demócrito Rocha. 5. Edição. Fortaleza. 2014.
- SILVEIRA, João Leonardo; SILVEIRA, Maria Luzia Rocha. **Morrinhos**: Sua História e Sua Gente. Realce Editora e Indústria Gráfica Ltda. Fortaleza, Ceará, 2009.